



RECOMPENSA

Peça em 3 actos

Ramada Curto

*De João
Luís Filipe Judice
Saldanha*

= Personagens =

Graca

criada

Manuel

Dr. Guilherme

Fereza

Gustavo Ornelas

Conceição

Mariana

José —

Mestre Joaquim

1ª operaria

2ª operaria

Aprendiz

Maquinista

Elonica

Bernilde

Patrícia

Abraão e Seta

1º Acto

Uma sala na casa de residencia da familia de
Guilherme de Souza, junto da sua grande fabrica
de tecidos. É uma quadra ampla, mobilada
com lusso e elegancia. O F. é todo occupado por
um largo terraço praticavel, de que se vê a
balaustrada de pedra. Do terraço desce-se
por uma curta escada a um dos lados.
Fundo distante de arvores, a mancha de
um rio e chaminés de fabrica.
Ao levantar do pano é manhã.



1.º Acto

Cena I

Graca e Briada

Estão junto duma mesa pequena, sobre a qual está uma bandeja com um serviço de pequeno almoço

Briada

V. Ex^a não quere um bocadinho de doce?
Sem estes bolos que são dos que gosta tanto?

Graca

pousando uma chave na sobre a bandeja, limpa a boca a um pequeno guardanapo - Não. Não quero mais nada. Fira-me a vontade de almoçar, como pouco, e o senhor diz-me a gracinha do costume: que eu não cômio para emmagrecer.

Briada

V. Ex^a não precisa

Graca

É que precisasse! Era o que faltava, se eu passava fome para não perder a elegancia.

Briada

Há senhoras que fazem isso.

Graca

Há. É até advècem. Nunca ouviste dizer que ninguém é pobre senão de juizo?

-indica a bandeja - Podes levar... *a criada que vai a sair)*
 Ouve... É preciso mandar a Firmina,
 aquela operária que tem as pequenitas
 gêmeas.

criada

-atalhando - Bem sei, minha senhora.

graca

... Os casaquitos de malha que estão
 embrulhados em cima do meu ^{trucido} "toilette".
 O porteiro que vai lá.

criada

Sim, minha senhora.

graca

É que, de caminho, passe por casa do rapaz
 que teve o desastre, a saber como ele
 está. Se o médico lá foi outra vez, e
 o que disse. *-ouve-se um apito de fábrica, ao longe, via
 ao F. a olhar para fora -* É o terceiro sinal, já?

criada

Não, minha senhora, é o segundo...

graca

Não parece... Ou entrou muita gente ao
 primeiro, ou reservam-se para o último...
 Parece-me muito menos gente do que o
 costume... Habitualmente, Basta-me ver

quem está a entrar para saber que sinal é. Ao primeiro, é quasi tudo mulheres e velhos... Ao segundo já é mais misturado.. Mulheres e homens de meia idade... Ao ultimo são só, quasi só, os rapazes e raparigas. Já reparaste?

Briada

A gente nova é mais calaceira...

Graca

Talvez... Mas hoje, não sei porquê, acho a entrada diferente... Bom. Não te esqueças do que te recommendei.

Briada

Não esqueço, minha senhora. - sai -

Cena II

Graca e Manuel

Graca

- Um momento só, continua a olhar para fora, com um sorriso

Aqueles conhecem-me, coitados! - a cena para fora -

Adeus... Bom dia! Manuel entra a E., vê Graca, vem por

de trás dela, pé ante pé, tapa-lhe os olhos com as mãos. Graca numa surpresa,

risonha - Ah! Já adivinhei! Pronto... És tu...

Manuel

risonho, tira-lhe a mão dos olhos O galo da manhã!

dão um longo beijo - Não te senti levantar... Eu

gosto que tu me acordes... Assim,
emvergonhas-me, madrugadora...

Graca

Dormias tão bem. Sem dâvas pelo
sol que te batia na cara...

Manuel

Dorminhôeo, então?... É tu matinal,
como uma cotovia...

Graca

-risomba- Como uma operária que tem
de entrar para o trabalho... Ficou-me
o hábito.

Manuel

É não o esqueces?

Graca

Ainda me parece ter sido só ontem que
mudei! É já lá vão onze anos! Temos
~~um filho de dez!~~ ~~Eu entrei para a~~
~~fábrica tinha doze...~~ *-ouve-se outro vezo apito-*

É o terceiro sinal!... Durante nove
anos, quando se ouvia este apito, já
eu estava diante do tear, a começar
a minha tarefa... São nove anos
de hábito, bem vês, e de hábitos de
infância.

Manuel

Parece que lamentas não estar lá ainda...

Graca

com muita ternura - Tonto... - beija-o - Vou chamar-te o nome de que tu não gostas, de castigo por isso que disséste: patrão Manuel.

Manuel

Ainda sou?

Graca

Não! És mais... És o senhor. Da minha alma, do meu corpo, da minha pessoa toda...

Manuel

Porquê?

Graca

Porque gosto de ti, porque te adoro... Meu marido... - abraçam-se - Meu amor...

Manuel

Ah! Assim, sim... - outro tom - Mas decididamente, com essa tua mania de te levantares à hora da entrada do pessoal, vou propor a meu pai que te dê salário... Sabes que eu, quando acordo, gosto de te ver a meu lado... Abro os olhos, procuro-te, não te vejo...

Fico com a impressão de que me fugiste...

Graca

Que queres?! Desculpa-me... Quando, como agora, aqui venho passar uns dias, gosto de os ver entrar, coitados... É bonito... São tantos, tantos!... É, depois, tu não podes ver esse espectáculo com os mesmos olhos que eu. Bem vês: eu sei o que eles pensam, o que eles querem, o que eles desejam, o que eles sofrem... Ah, não tenhas ciúmes, não te roubam nada, Manuel! Tu, às vezes, não me dizes que gostas de ver os garotos entrar para a escola, que há em Lisboa, em frente da nossa casa, com os livros apertados numa correia, de catecoês, as pernitãs à mostra? E gostas, porque te recordam quando eras como eles... A minha escola foi aquela... simplesmente eu não levava livros... Os meus livros eram estes — as minhas mãos...

Manuel

afogando-lhe as mãos - Tão macias, tão finas...
Tão bonitas...

Graca

Talvez... porque tu as mandaste tratar...

Manuel

Ah, bom! Não fossem elas de si lindas,
que não havia tratamento que as
fizesse como são...

Graca

-rindo- Mãos de senhora...

Manuel

Duma senhora - como não há mexetas!

Graca

Lisonjeiro... Foste tu que a fizeste
também, a essa senhora. Os melhores
professores, os maiores cuidados, os
maiores requintes... Tu foste um
escultor, sabes? Eu fei o barro - que
tu moldaste.

Manuel

Graca, não fosse o barro dessa qualidade...

Graca

O barro é mais ou menos todo igual...
Da minha parte o que conta foi a

minha vontade, o meu orgulho, o meu amor!... O que eu quis cá de dentro, ferozmente, com toda a minha alma! Para te merecer, para que tu vencesse em mim, para que tu nunca te arrependesses do sério, alto, grande amor, que me deste... O que eu às vezes chorava e me afligia com medo de não conseguir... E consegui, dize, consegui? Manuel, não estás arrependido?

Manuel

Orgulhoso, dize antes! Eu hoje é que, quando te vejo, às vezes, entre outras mulheres, mais bela do que as outras...

Graca

~~Não digas...~~

Manuel

~~Mais bela, mais espirituosa, mais inteligente...~~

Graca

~~Não é verdade! Não é verdade!~~

Manuel

~~-com força- Ofuscando as a todas, metendo-as num chinelo, como se costuma dizer,~~

~~eu, às vezes, é que digo: Que fiz eu, a final,
para merecer isto? Porque gostaste tu
de mim, Graça?~~

Graça

Obrigada... Tu és bom! Eu é que não
merecia isto da vida... Não falo do
conforto, da opulência que me deste.
Falo da felicidade íntima, do prazer
de me sentir amada, e, por fim, do
filho que Deus nos deu... Tu não
sentes, dize, que foi nisso que a vida
foi pródiga para nós? Tu, perdoa,
Manuel, às vezes, chego a pensar que
tu podes ter ciúmes do muito que eu
lhe quero...

Manuel

Não tenho! É natural... Eu também
sinto a mesma coisa... O nosso
rapagão! Esperto, ladino, forte!...
Gusta-me a tê-lo longe, no colégio...
Mas é para bem dele...

Graça

Para ser um homem... Consola-me que
já, velhinhos ambos, havemos de o ver
nesta casa, a dirigir a fábrica, a fazer

prosperar tudo com o seu talento, com a sua iniciativa e com a sua bondade, como o teu pai, como o teu avô... Adorado por todos!... É o meu sonho!...

Manuel

-comovido- É o meu... -olham-se, caem nos braços um do outro- Graça! Havemos de ver, está certa! Meu amor!

Cena III

Mesmos e Dr. Guilherme

Guilherme

-entra a D., para um momento vendo-os abraçados; risinho- Vamos já aqui estou há um minuto e esse espectáculo só se tolera no cinema...

Graça

-rindo- Tem razão... Que vergonha!

Manuel

Bons dias, meu pai!... Desculpe...

Guilherme

Bons dias, rapaz...

Graça

Acha-nos ridículos, não é verdade?

Guilherme

Não, Graça... Acho bem. O amor é uma ~~alta~~ bela coisa. E eu estou grato, porque ele é meu filho e tu deste-me a